

Faculdade
de Ciências Econômicas
UFRGS

análise econômica

- **A LINEAR MODEL OF BALANCED GROWTH**

Joanilio Rodolpho Teixeira
Rodrigo Andrés de Souza Penaloza

- **TEORIAS ESTRUTURALISTAS DA INFLAÇÃO**

Roberto Camps Moraes

- **PREÇOS EXTERNOS E EXPORTAÇÃO DE MANUFATURADOS**

Lauro Lobo Burle

- **O DESENVOLVIMENTO SUECO**

Alfredo Marcolin Peringer

- **DÉFICIT ENERGÉTICO**

Fabiano Augusto Nogueira Pinto

- **RICARDO E O PROBLEMA SOCIAL**

Cezar Machado Mello

- **UM SABER QUE NÃO SABE: INSTRUMENTO DE PREVISÃO**

Eleutério F.S. Prado

- **SELEÇÃO DE PLANOS DE PRODUÇÃO PARA PEQUENOS PRODUTORES AGRÍCOLAS**

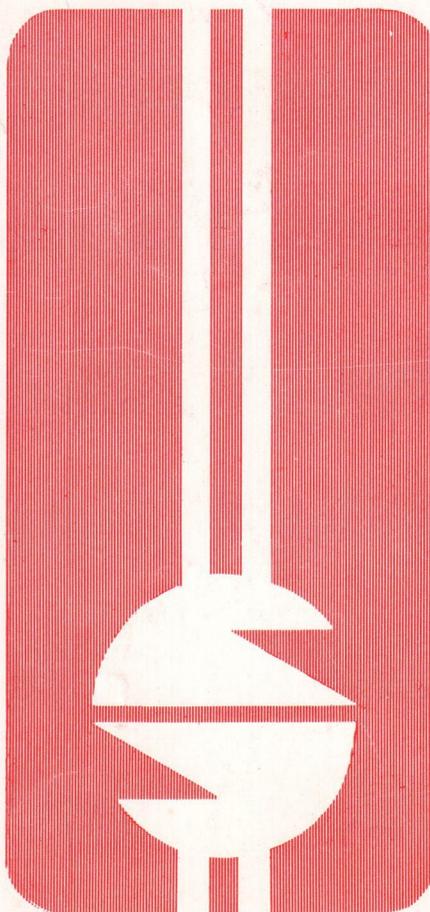
Juvir Luiz Mattuella

- **PERSPECTIVAS DA ECONOMIA DO NORDESTE NA DÉCADA DE NOVENTA**

Liana Maria da Frota Carleial

- **CAIO PRADO JÚNIOR**

Pedro Cezar Dutra Fonseca



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor: Prof. Tuiskon Dick
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
Diretor: Prof. Walter Meucci Nique
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS
Diretor: Reinaldo Ignácio Adams
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
Chefe: Prof. Pedro Cezar Dutra Fonseca
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA
Coordenador: Prof. Nali de Jesus de Souza
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA RURAL
Coordenador: Prof. Atos Freitas Grawunder

CONSELHO EDITORIAL: Achyles Barcelos da Costa, Aray Miguel Fel- dens, Atos Freitas Grawunder, Carlos Augusto Crusius, Ernani Hick- mann, João Rogério Sanson, Juvir Luiz Mattuella, Maria Imilda da Costa e Silva, Nali de Jesus de Souza, Nuno Renan Lopes de Figueiredo Pin- to, Otília Beatriz Kroeff Carrion, Otto Guilherme Konzen, Paulo Alexan- dre Spohr, Pedro Cezar Dutra Fonseca, Reinaldo Ignacio Adams, Rober- to Camps Moraes, Valter José Stülp, Yeda Rorato Crusius, David Gar- low (Wharton Econometrics Forecasts Association, E.U.A.), Edgar Au- gusto Lanzer (UFSC), Eleutério F.S. Prado (USP), Fernando Holanda Barbosa (FGV/RJ), Gustavo Franco (PUC/RJ), Joaquim Pinto de Andra- de (UnB), Juan H. Moldau (USP), Werner Baer (Univ. de Illinois, E.U.A.).

COMISSÃO EDITORIAL: Atos Freitas Grawunder, Pedro Cezar Dutra Fonseca, Reinaldo Ignacio Adams e Roberto Camps Moraes.

EDITOR: Nali de Jesus de Souza

SECRETARIA: Maria Ivone de Mello (normalização), Vanete Ricacheski (revisão de textos), Zélide Bregalda (Secretária).

FUNDADOR: Prof. Antônio Carlos Santos Rosa

Os materiais publicados na revista **Análise Econômica** são de ex- clusiva responsabilidade dos autores. É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos, desde que seja citada a fonte.

Aceita-se permuta com revistas congêneres. Aceitam-se, também, livros para divulgação, elaboração de resenhas ou resenhas.

Toda correspondência, material para publicação, assinaturas e permutas devem ser dirigidos ao seguinte destinatário:

PROF. NALI DE JESUS DE SOUZA
Revista Análise Econômica
Av. João Pessoa, 52
90.040 – PORTO ALEGRE (RS), BRASIL
Telefone: (0512) 25-58-44 ramal 33
Fax: (0512) 25-5253

HOMENAGEM A CAIO PRADO JR.*

Pedro Cezar Dutra Fonseca**

O recente falecimento de Caio Prado Jr. comoveu e entristeceu mais um pouco a nação brasileira. Relativamente afastado nos últimos anos da participação ativa que marcou sua presença nos grandes acontecimentos da história brasileira deste século e nos mais profícuos e empolgantes debates de nossa intelectualidade, sua ausência vem recebendo manifestações e homenagens póstumas dos mais diversos segmentos da sociedade brasileira.

Não poderíamos nós, centros associados à ANPEC, deixarmos esta noite de lembrar seu nome, nesta seção solene de abertura de nosso 18º encontro nacional, na presença da comunidade acadêmica da área de economia e de nossos alunos de pós-graduação.

Caio Prado Jr., entretanto, não era economista. Pertenceu a uma geração que deu nomes notáveis à nossa profissão, ainda emergente, mas sem cursos formais na área de economia, a maior parte deles com origem nas faculdades de direito. A despeito disto, consolidou vasta obra com quatorze livros, muitos dos quais influenciaram decisivamente toda uma geração de economistas, e, principalmente, os que hoje trabalham na assim denominada área de "História Econômica".

Descendente de tradicional família paulista, a vida de Caio Prado Jr. poderia ter sido outra – mais calma, próxima ao poder e voltada à multiplicação de sua riqueza pessoal, não fosse a firmeza na defesa de suas idéias. Optou por uma participação política ativa, na confiança de

* Homenagem prestada a Caio Prado Júnior na seção solene de abertura do 18º Encontro Nacional de Economia da ANPEC, a convite desta Instituição, em 7/12/1990, em Brasília.

** Professor do Departamento de Ciências Econômicas e do Curso de Pós-Graduação em Economia da UFRGS.

ANÁLISE ECONÔMICA	ANO 8	Nº 14	NOVEMBRO/90	p.151-155
-------------------	-------	-------	-------------	-----------

quem é agente da história. Desde cedo manifestou sua rebeldia, quando do lançamento da chapa Júlio Prestes, em 1929, que iria concorrer com a Aliança Liberal, Caio Prado Jr. bradou vivas a Getúlio Vargas em plena convenção do Partido Republicano paulista, cuja consequência imediata foi sua prisão – a primeira delas.

Mas não demorou muito para decepcionar-se com o novo governo. Vivia-se a década de 30, da qual Keynes afirmou que, por sua turbulência, exigia “uma nova ideologia para uma nova época”. Dividida a sociedade brasileira entre socialismo e integralismo, Caio Prado não hesitou em optar pelo primeiro.

É impossível entender o significado e a importância da obra de Caio Prado Jr, sem ter presente o momento em que foi elaborada e o contexto da qual é fruto e pretendeu atuar. Pertenceu em sua juventude à geração dos anos 20 e 30, a qual ficou registrada na história como a “geração da Redescoberta do Brasil”. A Semana da Arte Moderna marcou nas artes o anticonvencionalismo das formas, a liberdade de pesquisa estética e a busca de padrões com vínculos mais estreitos à expressão nacional e popular. O movimento tenentista, por seu turno, desdenhava do liberalismo bacharelesco o qual denominava “oligárquico”, e, a despeito da fluidez ideológica, firmara opção por uma república mais centralizada, o que implicava a consolidação econômica e política do Estado Nacional.

Ingressamos os anos 30 com os mais diferentes movimentos empolgando a intelectualidade jovem – o “pau-brasil”, o “verde-amarelismo”, a antropofagia – marcando o espírito de uma época de profunda crise do liberalismo, onde os mais diferentes matizes de nacionalismo e intervencionismo dominavam os cenários nacional e internacional.

Sua primeira obra – **Evolução Política do Brasil** – foi publicada em 1933, quando possuía apenas vinte e seis anos. É contemporâneo de outras duas obras de “redescoberta”, a de Sérgio Buarque de Hollanda, **Raízes do Brasil**, e a de Gilberto Freire. Cada uma delas possui seu próprio significado e cabe-me ressaltar, neste instante, a de Caio Prado Jr. Com diferença marcante das outras duas, pretendia ser um ensaio de interpretação histórica. Na contracapa do livro, alertava-se o leitor que tal interpretação baseava-se num método relativamente novo – o materialismo histórico – por primeira vez empregado no estudo da formação social brasileira.

Com isso, dava uma guinada radical nos estudos históricos existentes até então, mesmo os de boa qualidade. Para Caio, estes desta-

cavam fatos e acontecimentos parciais e de curto alcance – guerras e conquistas, invasões e heróis, substituições de governos e de diplomatas, entradas e bandeiras – e, justamente, coube a ele retomar o espírito desbravador bandeirante, invertendo totalmente seu sentido e significado. Ia ao encontro da tradição hegeliana, a qual enfatiza a necessidade, na ciência, de distinguir-se o essencial do acidental. “Um mero relato de fatos acidentais, sem o necessário encadeamento entre si, seria uma crônica, nunca uma história”. Esta, então, é entendida como processo, portador portanto de um sentido – e é este sentido, à primeira vista oculto e indecifrável, não imediato mas mediato, que Caio Prado Jr. debruçou-se para encontrar na história brasileira.

Dentre as conseqüências mais nítidas desta abordagem foi trazer a lume os excluídos, até então ausentes na historiografia oficial, e que ora se tornavam objeto de estudo reconhecido no seio da intelectualidade brasileira. Ao contrário de seus contemporâneos, que advogavam as teses do “brasileiro cordial” e a passividade e o conformismo como impregnados na alma do povo, Caio Prado Jr. ressaía não só as rebeliões dirigidas pelas elites – Emboabas, Mascates, Guerra dos Farrapos – mas os levantes de forte presença popular, como as revoltas dos Cabanos e dos Alfaiates, a Balaiada e a Praieira.

Sua **Formação do Brasil Contemporâneo** data de 1942 - auge do Estado Novo - mas a maturidade viria com a **História Econômica do Brasil**, a qual se tornou bibliografia básica para estudantes e profissionais da área de economia. Nesta, ensaia nova periodização para a economia brasileira, numa análise cujo vigor rivaliza com a de outro seu coevo, intelectual de peso, Roberto Simonsen. Caio Prado Jr., assim, muito antes de outros autores que ficaram famosos por suas obras sobre formação econômica do Brasil, recorrera a farto material empírico para demonstrar o caráter cíclico e dependente da agroexportação brasileira, dominante em nossos quatros primeiros séculos. Lançando mão de abordagem que hoje é retomada na área de história econômica, entendeu que o Brasil até o limiar da República não poderia ser entendido como unidade analítica, e dedicou capítulos específicos a cada formação regional.

História Econômica do Brasil revolucionou o ensino de Economia e de História brasileira. Contrariando as teses tradicionais e mesmo de outros autores marxistas, os quais associavam o subdesenvolvimento ao passado feudal do País, Caio Prado Jr. entendia a crise do trabalho escravo como sincrônica à emergência da ordem capitalista. Num ar-

roubo militante, denominou a “República Velha” de “República Burguesa”, frisando o primado das relações capitalistas - numa periodização cujos fundamentos seriam reafirmados muito mais tarde por economistas e historiadores, com o auxílio de novos materiais empíricos.

Não se poderia esquecer, entretanto, que a obra de Caio Prado Jr. extravasa a Economia e, pelo menos em outra área, é de grande relevância: a Filosofia. Nesta, destacam-se a **Dialética do Conhecimento**, em dois volumes, de 1952, e a **Introdução a Lógica Dialética**, de 1959. Ao lado destas, vários artigos, como naqueles onde se dedica à Filosofia da Matemática e ao testar o alcance da lógica dialética para explicar os modernos desenvolvimentos da Álgebra e do Cálculo, inclusive a Teoria dos Conjuntos, em diálogo com a Psicologia de Piaget.

Seu aprofundamento filosófico foi fundamental ao inspirar sua obra de Economia. Rejeitou muito cedo as teses marxistas que, mecanicamente, transpunham etapas da História Européia ao Brasil, e foi precursor da Teoria da Dependência ao afirmar que são os processos sociais internos os responsáveis pela dinâmica histórica, e que, primordialmente, configuram seu sentido.

Caio Prado Jr. viveu intensamente sua época, adiantou-se inúmeras vezes à média do debate intelectual, pesquisou independentemente, mesmo sendo partidário. Nestes tempos em que nós, da comunidade acadêmica, tantos percalços e indefinições assinalamos no ensino e na pesquisa no País, é um alento reler sua obra – é certo, elaborada em outra época – mas tendo para si fechadas as portas do oficialismo e “contra a corrente”, para usar a expressão de Myrdal, do poder estabelecido. Mas também contra a maré dos modismos, como os ensaios, escritos no final dos anos 60, contendo críticas ao estruturalismo de Levy-Strauss, e do assim chamado “marxismo” de Louis Althusser.

Houve quem dissesse que sua obra não galgou reconhecimento internacional à altura por ser escrita basicamente em português, já que ensaiara críticas à ortodoxia muito antes, – ou pelo menos, ao mesmo tempo –, que isso ocorresse no Primeiro Mundo, através de autores soberamente citados na Academia. Isto talvez seja em parte verdadeiro para sua obra filosófica, mas não para a de História Econômica, já que é possivelmente o autor nacional da área mais traduzido para outros idiomas: inglês, espanhol, russo e japonês.

Reconhecemos, hoje, diante da comunidade acadêmica dos economistas, o trabalho de Caio Prado Jr. Ele que também foi empresário e, ao dedicar-se à iniciativa privada, fundou uma editora, até hoje bem-

sucedida, voltada a divulgar o pensamento crítico nacional.

Não precisamos concordar estritamente nem com suas idéias nem com suas teses teóricas para ressairmos sua figura de intelectual. Poderíamos dizer, usando uma expressão gasta, que seu falecimento deixou um vazio na intelectualidade brasileira. Entretanto, a vida de Caio não foi de vazios mas de abrir espaços, desde logo ocupados por todos nós; economistas, sociólogos, geógrafos e cientistas políticos.

Dante Alighieri, em sua **Divina Comédia**, observou: “Os lugares mais quentes do inferno são reservados àqueles que, em épocas de crise moral, mantêm-se na neutralidade”. Em nossa época de crise, também moral, mas essencialmente econômica e social, o humor fino e universal do espírito renascentista de Dante pode ser lembrado ao falarmos de Caio Prado Jr., que nunca, por índole, manteve-se neutro.

Possuía ele o ardor dos idealistas, aliado à certeza dos convictos. Foi inovador e um dos próceres da produção intelectual brasileira moderna, quando modernidade não se restringia a um discurso, mas associava-se a transformações efetivas e de vulto na economia e na cultura brasileiras. Debruçava-se na história não para entender o passado, mas com olhos voltados ao presente e com o pensamento no futuro.

Intransigente na defesa de seus pontos de vista, nunca foi sectário, defendeu ardorosamente suas idéias, sem ignorar que a dúvida é necessariamente integrante da produção científica. Foi convicto e apaixonado, sem ser dogmático.

E é por isso que, a cada momento, renova-se sua atualidade.